

LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO, Maio/2009 – Vol. IV

LINGÜÍSTICA HISTÓRICA, LATIM VULGAR E MUDANÇA
SINTÁTICA: EVIDÊNCIAS EM SATYRICON DA TENDÊNCIA DE MU-
DANÇA DA ORDEM SOV PARA SVO¹

Pablo Picasso Feliciano de FARIA
Katia S. FUJISAWA
(Orientadora): Profa. Dra. Patrícia Prata

RESUMO: Uma das mudanças mais claras entre o *latim vulgar* e as *línguas românicas* é a da ordem básica das orações, que passou de SOV para SVO. A compreensão desse processo – que interpretamos, aqui, da perspectiva da gramática gerativa – passa pela análise de textos antigos em latim, em busca de evidências que o suportem. O presente trabalho, portanto, busca por tais evidências na obra *Satyricon*, escrita no séc. I d.C. por Petrônio, cujas particularidades literárias aproximam certos trechos da obra do que seria a fala coloquial da época. Este trabalho mostrará que há evidências de que a mudança na ordem já estaria em curso no latim vulgar do séc. I d.C..

Palavras-chave: latim vulgar, Satyricon, ordem de palavras, SVO, mudança.

1. Introdução

Antes de partir para as especificidades de que tratará o presente texto, faremos nesta seção e na próxima uma introdução breve e geral às questões colocadas pelos estudos histórico-comparativos na linguística, buscando estabelecer um pano de fundo e apresentar mais explicitamente o contexto no qual se insere este estudo. Nesta seção trataremos da oposição entre diacronia e sincronia, da sintaxe nos estudos diacrônicos e daremos alguns dados relativos à obra *Satyricon*. Na segunda seção, abordaremos uma questão relativa à linguística românica: a relação entre o latim clássico e o latim vulgar.

Sincronia x Diacronia

As línguas mudam no decorrer do tempo e isso não é novidade, mesmo para o senso comum. O aspecto mais visível desse processo é o lexical, quando, por exemplo, verificamos a diferença entre as gírias que utilizamos e aquelas utilizadas por nossos pais ou avós. Os primeiros estudos comparativos mostraram isso, bem como permitiram, inclusive, falar-se em *famílias* de línguas. Porém, tais mudanças ocor-

¹ Para a finalização do texto, agradecemos aqui às sugestões dadas por Patrícia Prata, ao debatedor, Luciano C. G. Pinto, e aos demais participantes da apresentação deste trabalho no Seminário de Pesquisas da Graduação 2009 (IEL/Unicamp).

rem em todos os níveis da língua (lexical, morfológico, sintático etc.) e em diferentes intensidades para cada um. Os estudos lingüísticos que se preocupam com a mudança ao longo do tempo foram definidos por Saussure como *diacrônicos*, em oposição aos estudos *sincrônicos*, ou seja, estudos sobre um estado da língua (PAIXÃO DE SOUZA, 2006).

Paixão de Souza (2006:19-20) apresenta a metáfora da *partida de xadrez*, utilizada por Saussure para esclarecer esta distinção. Saussure faz alguns paralelos, entre eles o de que o valor das peças no jogo depende de sua posição no tabuleiro: cada movimento de peça altera com maior ou menor intensidade esse sistema de valores. Assim, também, ocorreria com a língua, em que o valor de um elemento seria definido por oposição aos outros e que as alterações sobre um elemento teriam impacto em todo o sistema.

Segundo Saussure, para compreender um estado de língua, não necessitamos conhecer os estados anteriores, tal como não precisamos saber os movimentos anteriores para compreender o estado atual numa partida de xadrez. Para Saussure, o importante são os estados da língua, isoladamente, sendo os efeitos do tempo irrelevantes (PAIXÃO DE SOUZA, *op.cit.*). É esta importância dada ao sistema em si que configura a característica principal do *estruturalismo*. Embora essa visão saussureana tenha tido muita influência nas pesquisas lingüísticas da primeira metade do século, levando-as a se preocupar mais com os aspectos sincrônicos das línguas, ela não impediu o surgimento, no decorrer do século XX, da *lingüística histórica*, sob diferentes quadros teóricos (funcionalista, gerativista, sociolingüístico, etc.) (Paixão de Souza 2006).

Um dos grandes desafios das pesquisas em lingüística histórica, hoje, é o de compatibilizar aspectos genealógicos das línguas com aspectos como o contato entre as línguas e os empréstimos, fenômenos que muitos defendem estar também na base das mudanças. É um desafio de relevância, pois para a genealogia – tal como tem sido feita – uma dada língua pode ter apenas uma língua pai (ou mãe), enquanto para teorias de contato, uma língua poderia descender de duas ou mais línguas.

Sintaxe

A sintaxe das línguas, na perspectiva da mudança, é um tópico assaz complexo. Tanto mais, quando não há mais falantes nativos da língua em estudo. O método da *reconstrução*, tão produtivo para os níveis lexical, morfológico e fonético, não pôde ser aplicado com sucesso à sintaxe, até o presente momento. Resta, portanto, a opção única de se recorrer às fontes escritas. Porém, aí encontramos grandes dificuldades: enquanto expressões da língua falada e aspectos fonéticos podem apresentar uma razoável pervasividade em textos escritos (por exemplo, em textos de teatro), a sintaxe da língua falada era (e é), em certa medida, evitada nos textos, mesmo quando a intenção seja a de transcrever a fala.

Somando a isso o fato de que a população em geral (mesmo considerando apenas a parcela livre), nos séculos anteriores, não tinha acesso à leitura e a escrita, e,

portanto, não produzia textos escritos que refletissem suas variedades dialetais, percebemos o desafio importante que se coloca à frente dos estudos sintáticos. O papel do pesquisador, portanto, é analisar cuidadosa e profundamente as fontes encontradas, para extrair delas o máximo de evidências, que muitas vezes podem se apresentar de forma muito sutil.

Neste sentido, o presente trabalho olhará para o texto *Satyricon*, de Petrônio, em busca de indícios e evidências da mudança que ocorreu na ordem do latim vulgar, que passou de SOV² para SVO, quando da formação das línguas românicas.

***Satyricon*, de Petrônio**

Segundo Bianchet (2002), a obra é fragmentada e seus aspectos de autoria (datação, identidade do autor, título, extensão e caráter literário) ainda são muito controversos. Porém, segundo a autora, há algum consenso de que seja um romance, escrito por *Petronius Arbiter*, no ano de 65 d.C., baseado na análise dos seguintes dados do próprio texto (Bianchet 2002):

1. Uma piada que faz referência, possivelmente, a Tibério (sec. I d.C.);
2. Nomes de personagens históricos ligados ao império de Nero;
3. Imitação da *Farsalia*, escrita por Lucano entre 60 e 64 d.C.;
4. Alusões a obra de Sêneca, escritas e publicadas entre 62 e 65 d.C.;
5. A situação político-social descrita na obra melhor corresponde a época de Nero.

Quanto à identidade do autor, ainda segundo Bianchet, Tácito (sec. II d.C.), nos seus *Annales* (livro XVI, cap. 18-20), narra a morte de um certo C. Petronius, cônsul da Bitúnia, *elegantiae arbiter*, da corte do imperador Nero. Características de formação e caráter favoreceriam a identificação entre C. Petronius e o autor do *Satyricon*. Ambos teriam vivido na mesma época, com os mesmos nomes (Petronius), apelidos (Arbiter), gosto e inclinações.

O título exato da obra também é incerto. Em relação à grafia, Bianchet afirma que encontram-se alternâncias entre *Satyricon* e *Satiricon*, possivelmente composta por *satyra* + *-icus* + *-on* (este último de origem grega). Haveria duas origens possíveis para *satyra* ou *satira*: (i) do latim, derivada de *satura*, que designa um gênero literário, em que se misturam prosa e verso, e; (ii)³ ligada à palavra grega *σάτυρος*, substantivo com o sentido de drama satírico (pode também assumir valor adjetival, como *debochado* ou *irreverente*). O afixo *-on* é uma transliteração latina de três possíveis desinências: (a) acusativo de palavras da segunda declinação; (b) nominativo de palavras neutras dessa mesma declinação; todas grafadas, em grego, com a

² Outras ordens também ocorriam, mas eram marginais, em termos de frequência.

³ Agradecemos aqui à contribuição do debatedor, pelas informações sobre o termo grego em questão.

letra ômicron (-ov); (c) genitivo plural de todas as declinações, grafado, em grego, com ômega (-ov). Na formação da palavra *satyricon*, especificamente, poderia ter sentido genitivo (<livro> de) ou nominativo singular neutro.

Como dito anteriormente, a obra é fragmentada, possuindo lacunas e interpolações, podendo ser dividida em três partes: *episódios iniciais*, cap. 1 a 26; episódios da *Cena Trimalchionis* – cap. 27 a 78; *episódios finais*, cap. 79 a 141. O tamanho exato (original) é desconhecido. Alguns manuscritos afirmam – sem provas – que o que se tem hoje corresponderia apenas aos livros XIV, XV e XVI de toda a obra. A leitura, ainda assim, é fluente e a história trata das aventuras de Encólpio, pelo sul da Itália. Seu papel é geralmente ativo nas passagens, com um bom número de interrupções para discutir literatura, arte e introduzir poemas e histórias hilariantes (BIANCHET, 2002).

O *Satyricon* é considerado uma fonte de estudos do latim vulgar e Bianchet (2002), em sua tese “*Satyricon*, de Petrónio: Estudo Lingüístico e Tradução”, apresenta uma grande quantidade de dados relativos aos vários níveis lingüísticos (lexical, sintático, morfológico e fonético/fonológico). Com relação à sintaxe, Bianchet mostra que, nesta obra, a ordem SOV (sujeito-objeto-verbo) parece começar a sofrer a concorrência da ordem SVO, o que apontaria para a mudança que mais tarde acarretou a ordem SVO padrão das línguas românicas.

O objetivo deste trabalho é olhar para os dados de ordem do sintagma verbal, levantados por Bianchet (2002), e verificar se há algum indício, algum padrão nos usos das duas ordens, que possa indicar os caminhos dessa mudança.

2. O latim clássico, o latim vulgar e as línguas românicas

O latim foi uma língua como outra qualquer e, portanto, suscetível a variações dialetais, socioletais e de registro. Como aponta Ilari (1992), são variações que podemos chamar de verticais (socioletos) e horizontais (diferenças geográficas). Assim, é de se esperar que houvesse vários registros diferentes, a depender do contexto sociolingüístico, bem como diversos dialetos, principalmente, como também aponta Ilari (1992), em função do intenso contato entre a língua latina e as línguas dos diversos povos dominados.

A esse conjunto de variações do latim – faladas nas regiões que compreenderam o império romano – é que se refere o termo *latim vulgar*, cunhado pela primeira vez por Diez, em oposição ao latim conhecido através das obras clássicas, o *latim literário* (ILARI, 1992:58). Pode-se afirmar que a relação entre o latim clássico ou literário e o latim vulgar é paralela à relação entre a norma culta do português (prescritiva) e o português coloquial nas diversas regiões e extratos sociais do Brasil. Ambas as variantes aparecem na fala e na escrita, embora em diferentes níveis (na escrita, há maior preferência para a norma culta, enquanto na fala, para as variantes coloquiais).

Os estudos histórico-comparativos das línguas românicas indicam (ILARI, 1992) que tal como a norma culta do português tende a ser arcaizante e conservadora, não refletindo diretamente os dialetos correntemente falados no Brasil, o latim clássico também tinha um caráter eminentemente literário, não refletindo as variedades do latim geralmente faladas pela população do império romano, embora esta variedade (clássica) provavelmente fosse falada pela aristocracia romana em determinados contextos. Por sua vez, o latim vulgar também teve registro escrito, embora numa escala muito menor, como os estudos históricos evidenciam.

A importância do latim clássico para os estudos histórico-comparativos está em estabelecer um ponto de comparação, que permita delinear um caminho – *lógico-formal*, mas não necessariamente *temporal*⁴ – evolutivo até as línguas românicas, passando pelo latim vulgar. Segundo Ilari (1992:60), Maurer Jr. também lança mão de argumentos em favor de um latim vulgar, no sentido de popular, falado pelo povo em geral, principalmente fora da aristocracia, sem acesso a uma educação formal⁵. Ilari (1992) enfatiza que o latim clássico e o latim vulgar conviveram num mesmo período, contra a idéia de que o latim vulgar seria uma sucessão (no tempo) do latim clássico (embora se possa dizer – no sentido adotado neste trabalho – que o primeiro deriva do segundo).

Acredita-se que do latim vulgar derivaram-se as línguas românicas (Ilari 1992). As evidências para essa conclusão vêm da reconstrução do latim vulgar através do método histórico-comparativo, da comparação das línguas românicas e da identificação de possíveis elementos vulgares (em todos os níveis lingüísticos) em textos escritos nos últimos séculos do império romano. É nesta segunda que se inserem as evidências encontradas na obra *Satyricon*. Por ser escrita no século I d.C., essa obra se situa justamente num período que pode ser considerado de transição em relação à sintaxe, por começar a apresentar alguma marcação de base sintática⁶ (BIANCHET, 2002).

Particularmente, os episódios da *Cena Trimalchionis* são reveladores, pois em função do contexto em que se dá a *Cena*, bem como da origem social das personagens, o latim falado por elas se aproximaria da forma mais coloquial e popular da língua. Segundo Maurer Jr. (1962:24):

⁴ Pode-se mostrar que um dado fenômeno deriva logicamente de outro, sem que, por necessidade, estes mesmos fenômenos devam estar em relação de precedência cronológica, numa dada língua. Assim, é possível que um dos fenômenos nem mesmo tenha ocorrido na história de uma dada língua, embora o outro esteja presente.

⁵ No sentido de escolarização ou ensino de conhecimentos diversos (filosofia, matemática, entre outros) através de tutores.

⁶ Noutros termos, a tendência de transferir a codificação de certas funções sintáticas para a própria sintaxe da língua, retirando ou “enfraquecendo” essa marcação na morfologia. Assim, por exemplo, a ordem dos sintagmas passa a ser a principal codificadora das funções de *sujeito e objeto*, em oposição à codificação na morfologia, como nas chamadas “línguas de *Caso*” (como o latim e o alemão, entre outras). O termo “Caso”, grafado com “C” maiúsculo, refere-se a este fenômeno numa perspectiva gerativista.

A língua que [Trimalquião] fala e que pretende falar é uma língua culta, aquela que ele sabe ser a da boa sociedade de Roma. Se o consegue com muita imperfeição, inundando suas frases de plebeísmos, é porque há um terrível desequilíbrio entre a posição social que ocupa agora e a educação adquirida no passado. Era a mistura dos dois elementos no seu falar que devia trazer a sensação do cômico aos leitores romanos.

Finalmente, como base teórica de toda a discussão que segue, assumiremos como corretas as idéias em Maurer Jr (1962) e Ilari (1992), quanto ao que foi mencionado acima, embora o assunto ainda seja amplamente discutido e não neguemos que seja passível de ser explicado por outras vias.

3. A ordem SOV e SVO no *Satyricon*

Como já comentado, Bianchet (2002) faz um levantamento descritivo da ordem de palavras no sintagma verbal, considerando a seqüência sujeito-verbo-objeto e todas as variações possíveis. A autora atesta a presença de quatro combinações – SVO, SOV, OSV e VSO, dentre as seis possíveis⁷. Constata-se que a combinação SOV, a ordem habitual no latim clássico, é a que apresenta maior número de ocorrências (56,25%) e essa sofre concorrência da ordem SVO (25,78%), considerada “uma ordem intermediária entre a habitual e a expressiva” (BIANCHET, 2002:175). As combinações OSV e VSO aparecem, respectivamente, 08 e 15 vezes, presenças não significativas quando consideradas as frequências das outras ordens.

Assim, com a concorrência entre as seqüências SOV e SVO e, sabendo que esta última pode ser decorrência da perda dos casos ocorrida gradativamente no latim vulgar⁸, neste trabalho, verificamos os objetos das 105 ocorrências (SOV e SVO) identificadas por Bianchet, com o intuito de localizar indícios (como exemplo, o tipo de Caso) que favorecessem a opção pela ordem SVO, e não pela SOV, ordem habitual no latim clássico.

Porém, após análise, não foi detectada nenhuma característica no objeto que o fizesse tomar a posição pós-verbal. Quase a totalidade dos objetos está no caso acusativo.

Dessa forma, por não encontrarmos indícios nem argumentos que justificassem a opção pela ordem SVO nos dados levantados e apresentados por Bianchet (2002:161-166) na obra *Satyricon* – fonte de latim vulgar, especialmente os episódios da *Cena Trimalchionis*, recorremos a outros autores para compreendermos a concorrência entre as ordens SOV e SVO.

⁷ É interessante ressaltar que, no levantamento de dados, Bianchet (2002: 175) considerou “apenas as ocorrências cujo sujeito era pronomes pessoais, demonstrativos, ou anafóricos”.

⁸ “(...) a perda dos casos [no latim vulgar] obrigou a buscar novos meios para indicar as funções sintáticas, tarefa que passou a ser desempenhada pela ordem das palavras e pelo uso de preposições; chegou-se assim a uma ordem mais fixa, importante sobretudo para distinguir entre as expressões nominais da oração o sujeito e o objeto direto;” (Ilari 1992: 108)

4. Uma mudança em curso

Segundo Väänänen (1988: 243), no latim literário, a ordem habitual é o sujeito, preferencialmente, no início da frase, o verbo em posição final e na posição intermediária os complementos. Quando esta seqüência é alterada tem-se o objetivo de colocar em destaque algum elemento da frase ou é uma opção estilística do autor para atender as necessidades de eufonia ou de expressividade.

Ainda, segundo Väänänen, citado por Bianchet (2002: 175), o verbo utilizado no interior da frase está em conformidade com o uso cotidiano e se configura como uma tendência que vai se estabelecendo desde a fíbula de Preneste⁹, a mais antiga inscrição latina conhecida (ano 600 a.C.), até os textos tardios, como a *Peregrinatio Aetheriae*.

Sobre esse texto *Peregrinatio Aetheriae* (385 d.C.), texto da monja Etéria ou Egéria, Martins (2002: 99) afirma que é o texto mais representativo do latim vulgar, por denunciar,

através de certas construções não atestadas no latim clássico, muitas transformações pelas quais estava passando o latim, abrangendo todas as áreas de gramática. [...] Além disso, esta obra se distingue das outras fontes do latim vulgar porque não se trata de uma língua criada literariamente, como a *Cena Trimalchionis*, de Petronio, e porque traz uma grande quantidade de informações sobre sintaxe e coesão textual.

Martins (2002), assim como Bianchet (2002), faz um levantamento de dados relacionados à ordem das palavras. A autora analisa os capítulos de 1 a 15 da obra *De Bello Gallico* (obra escrita, em 52 a.C., por Cesar, em latim clássico) e os capítulos de 1 a 6 de *Peregrinatio Aetheriae*; as ordens consideradas são: SXV, SVX, SV, XVS, XSV, VS, XV, VX, sendo que X corresponde a vários tipos de elementos: sintagma preposicional, sintagma nominal, complemento nominal, predicado, orações (subordinadas - completivas/relativas) (MARTINS, 2002:102).

Através de sua análise, Martins (2002: 120) aponta que os dados levantados revelam que tanto o texto de latim clássico como o texto de latim vulgar apresentam ordem variável de termos, mas há a predominância de uma ordem em cada obra: em *De Bello Gallico* predomina o verbo na posição final e em *Peregrinatio Aetheriae* predomina o verbo na posição medial, que é a ordem essencialmente românica.

Como nosso ponto de partida, neste trabalho, foram as ordens SOV e SVO, trazemos aqui os dados de Martins (2002) para comparar com os dados de Bianchet (2002) do *Satyricon*, especialmente as ocorrências que aparecem na *Cena*, pois são os episódios considerados por muitos autores como fonte do latim vulgar:

⁹ Na fíbula de Preneste “se lê *Manios* (nominativo-sujeito) *med* (acusativo-objeto direto) *fhefha-ked* (verbo) *Numasioi* (dativo-objeto indireto)” (cf. BIANCHET, 2002:175).

	SOV ou (S)XV	SVO ou (S)VX
<i>De Bello Gallico</i> (52 a.C.)	76,3%	9,1%
<i>Cena - Satyricon</i> (65 d.C.)	65,11%	30,23%
<i>Peregrinatio Aetheriae</i> (385 d.C.)	37,4%	50,7%

Os dados mostram a tendência, apontada por Väänänen, do estabelecimento da utilização do verbo no interior da frase, decorrência da utilização desta ordem no cotidiano. Nos episódios da *Cena*, a ordem SVO aparece significativamente quando comparada à utilização desta ordem no texto clássico de César e, a ocorrência de SVO é predominante no texto tardio da monja Etéria.

5. Considerações finais

A ordem SVO, como atestado no texto *Peregrinatio Aetheriae*, é a ordem predominante no latim vulgar e, além disso, é a que se fixa nas línguas românicas. A perda de Casos morfológicos, além de outras mudanças no latim vulgar, favoreceu o surgimento de uma ordem mais fixa que indicasse as funções sintáticas. Assim, com a presença dessa ordem nos episódios da *Cena*, levantou-se a hipótese de que os objetos poderiam conter algum indício desta transição – SOV, ordem habitual do latim clássico, para SVO, porém, através da análise dos dados levantados por Bianchet (2002), não se verificou nenhuma alteração nos termos sujeito, verbo e objeto, o que atestou que a ordem era utilizada no cotidiano e tendia a se firmar, como posto por Väänänen. Assim, na obra *Satyricon*, em relação à ordem das palavras, tem-se somente a presença significativa da ordem que se fixaria nas línguas românicas, mas nenhuma alteração que indicasse a necessidade dessa ordem.

De todo modo, há outras possibilidades de investigação possíveis, como a busca de correlações com as classes verbais (quanto à estrutura argumental, por exemplo, ou mesmo distinções semânticas). Portanto, ficam em aberto algumas possibilidades para investigações futuras, em busca de possíveis fatores de motivação para a mudança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BIANCHET, S. B. (2002) *Satyricon, de Petrónio: estudo lingüístico e tradução*. Tese de doutorado, USP.
- ILARI, R. (1992) *Linguística Românica*. São Paulo: Editora Ática S.A.
- MARTINS, M. C. S. (2002) *Configuracionalidade em Latim Clássico e Latim Vulgar*. Tese de Doutorado, IEL/UNICAMP.
- MAURER JR., T. H. (1962) *O Problema do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- PAIXÃO DE SOUZA, M. C. (2006) *Linguística Histórica*. In *Introdução às ciências da linguagem - Linguagem, história e conhecimento*. Pfeiffer, C. C. & J. H. Nunes (orgs.), Pontes Editores: Campinas, SP.
- VÄÄNÄNEN, V. (1988) *Introducción al latín vulgar*. 3.ed. Madrid: Editorial Gredos.